

Desenvolvimento ou globalização tecnológica? a prostituição virtual como consequência da modernidade em Moçambique

Tubias Benedito Capaina *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-3500-6812>

Capaina Jaime Capaina**

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-3838-3576>

RESUMO

O texto aborda em torno de como as redes sociais facilitam a prostituição virtual, utilizando plataformas online para promover serviços sexuais, muitas vezes manipulando e expondo imagens sem o consentimento dos envolvidos. Destacando que os algoritmos não reproduzem sentimentos humanos, mas podem divulgar conteúdos de forma automatizada. O estudo se divide em dois capítulos principais: o primeiro aborda a prostituição em Moçambique e sua relevância na modernidade, enquanto o segundo explora os impactos das plataformas digitais, incluindo o alerta de Esposito (2022) sobre o uso viciante de redes sociais por jovens, devido à reprodução automática de imagens. Assim, a pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre a prostituição à luz das tecnologias digitais, considerando a instantaneidade da disseminação de conteúdos e os direitos dos cidadãos. A teoria de Manuel Castells (2005) é usada para analisar como as redes sociais influenciam a identidade dos adolescentes e suas escolhas, destacando a capacidade dessas plataformas na construção comportamentos. A distinção entre prostituição virtual e pornografia é explorada, sendo a prostituição caracterizada pela troca de favores sexuais por dinheiro, mesmo sem contato físico direto, enquanto a pornografia envolve consumo de conteúdo explícito sem essa troca. O texto também discute questões legais, sociais e psicológicas sobre a regulamentação e os impactos dessas práticas nas identidades jovens e no comportamento social.

PALAVRAS-CHAVE

Prostituição Virtual, Redes Sociais e Identidade.

ISIFINYEZO

Umbhalo uveza indlela izinkundla zokuxhumana ezithuthukisa ngayo i-prostitution ye-intanethi, kusetshenziswa amapulatifomu aku-inthanethi ukukhuthaza izinsizakalo zobulili, imvamisa kuphendulwa ngemifanekiso ngaphandle kwemvume yababandakanyekayo. Iphinde ibonise ukuthi ama-algorithms awakwazi ukudala imizwa yabantu, kodwa angasabalalisa okuqukethwe ngendlela ezenzakalelayo. Ucwango luhlukaniswe izahluko ezimbili ezisemqoka: elokuqala lihlola i-prostitution eMozambique kanye nokubaluleka kwayo esikhathini samanje, kanti esesibili lihlola imithelela yezinkundla zokuxhumana, kubandakanya isixwayiso sika-Esposito (2022) mayelana nokusetshenziswa kwezingane kwezenzakalelayo kokuphosa izithombe ezisheshayo. Ngakho-ke, lolu cwango luhlola ngokuqinile i-prostitution ngokuhlanganyela nobuchwepheshe be-dijithali, kubhekwe ukuhamba okusheshayo kokusatshalaliswa kwezinto kanye namalungelo abantu. Isethiyori kaManuel Castells (2005) isetshenziselwa ukuhlaziya indlela izinkundla zokuxhumana ezithinta ngayo ubuqotho babantu abasha nezinketho zabo, kuqhakambisa ikhono lezi

* Graduado em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane, Antropólogo Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Moçambique e Estudante Mestre em Ciências Sociais (ênfase em Sociologia da Modernização) - Universidade do Chile. E-mail: capainatubias@gmail.com

** Graduado em História pela Universidade Pedagógica. E-mail: capainaborges@gmail.com

zinkundla ekwakheni izenzo. Umehluko phakathi kwe-prostitution ye-intanethi kanye ne-pornography uyachazwa, lapho i-prostitution ibhalwa njengokushintshana kwezinsizakalo zobulili ngemali, noma ngaphandle kokuxhumana komzimba ngqo, kuyilapho i-pornography ibandakanya ukusetshenziswa kokuqukethwe okuvelele ngaphandle kwalolu shintshiswano. Umbhalo uphinde udlule ezindabeni zomthetho, zokuqondisisa, kanye nezengqondo mayelana nemithetho kanye nemithelela yalezi zenzo kubantu abasha kanye nezenzo zabo zomphakathi.

AMAGAMA ABALULEKILE:

I-Prostitution ye-intanethi, Izinkundla zokuxhumana, Ubuqotho.

Technological development or globalization? Virtual prostitution as a consequence of modernity in Mozambique

ABSTRACT

The text discusses how social media facilitates virtual prostitution by using online platforms to promote sexual services, often manipulating and exposing images without the consent of those involved. It highlights that algorithms do not reproduce human emotions but can automate the dissemination of content. The study is divided into two main chapters: the first addresses prostitution in Mozambique and its relevance in modernity, while the second explores the impacts of digital platforms, including Esposito's (2022) warning about the addictive use of social media by young people due to the automatic reproduction of images. Thus, the research proposes a critical reflection on prostitution in light of digital technologies, considering the immediacy of content dissemination and citizens' rights. Manuel Castells' (2005) theory is used to analyze how social media influences adolescents' identity and their choices, emphasizing the ability of these platforms to shape behaviors. The distinction between virtual prostitution and pornography is explored, with prostitution being characterized by the exchange of sexual favors for money, even without direct physical contact, while pornography involves the consumption of explicit content without this exchange. The text also discusses legal, social, and psychological issues regarding the regulation and impacts of these practices on young people's identities and social behavior.

KEYWORDS

Virtual Prostitution, Social Media, and Identity

Introdução

O tema da prostituição na atualidade, especialmente em relação ao desenvolvimento da Internet e suas formas de comunicação, é muito importante de abordar sociologicamente. Neste artigo, crucialmente procuramos diferenciar claramente entre prostituição virtual e pornografia; isto é, procuramos evidenciar até que ponto o consumo de pornografia na Internet poderia também ser considerado uma forma de prostituição. Isso é ainda mais relevante no caso dos encontros virtuais através de canais de sexo ao vivo, realidades virtuais e outros meios semelhantes. Hoje, plataformas como Instagram, OnlyFans e outras permitem a prática de algo que se assemelha à prostituição, se a

entendermos como troca de favores sexuais por dinheiro, embora ocorra apenas virtualmente, sem contato físico entre o cliente e a pessoa que vende seus serviços sexuais.

O conceito de Aguilar (2005) sobre os processos da modernidade sugere que a globalização e a interpretação dos sistemas digitais exigem uma mudança de paradigma. Neste sentido, é necessário propor soluções coletivas para promover o cuidado e a restauração da identidade privada e dos territórios afetados pela comunicação digital. No caso de Moçambique, apresentou -o como um exemplo de país com pouco controlo sobre os sistemas de cibersegurança, o que destaca a importância da sociologia como resposta global contextualizada.

A transição digital é considerada um desafio para o progresso e o bem-estar, exigindo uma reavaliação dos modelos de desenvolvimento económico. Com o texto espero abrir um espaço para discutir a prostituição como consequência de uma contingência virtual, mostrando que a crise sociotecnológica representa, nos termos de Esposito (2022), não apenas uma ameaça, mas também uma oportunidade para uma transformação radical em direção a uma sociedade mais justa, equitativa e sustentável. Repensar o uso da digitalização no contexto africano, o caso de Moçambique, tendo em conta os desafios que coloca à redefinição das identidades sociais e ao processo de reintegração de pessoas virtualmente vitimizadas.

O ensaio analisa como as redes sociais são utilizadas como um espaço para envolver pessoas na prostituição através de plataformas online, manipulando e promovendo serviços sexuais como consequência da comunicação artificial. Ressalta-se que os algoritmos não reproduzem os sentimentos das pessoas, disponibilizando imagens e conteúdo sem o consentimento direto dos proprietários. A investigação divide-se em dois temas: o primeiro explora historicamente a prostituição no caso de Moçambique e depois a sua relevância na era moderna e no contexto das comunicações digitais. Enquanto a segunda discute a sua relevância na era moderna, especialmente no contexto das comunicações digitais.

Autores como Espósito (2022) apontam que as máquinas apenas reproduzem imagens existentes, o que muitas vezes gera um uso viciante por jovens e adolescentes. O texto alerta sobre os cuidados necessários no uso sistemático das plataformas digitais, propondo uma reflexão sobre como abordar a prostituição à luz da comunicação virtual, considerando a reprodução instantânea de imagens e conteúdo para adultos utilizados para marketing online, muitas vezes sem o consentimento de os proprietários originais. Por fim,

é analisada a questão da identidade e dos direitos dos cidadãos. A revisão da literatura destaca diferentes perspectivas que se entrelaçam: por um lado, a influência das redes sociais na formação de relacionamentos de amizade entre os adolescentes, sejam eles passageiros ou duradouros (Bordignon & Bonamigo, 2017; Assunção & Matos, 2014); por outro lado, o impacto dessas plataformas na socialização e aprendizagem dos jovens, influenciando suas atitudes, práticas e percepções do mundo ao seu redor (Padilha & Facioli, 2018; Rodrigues, 2016; Cardoso et al., 2019; Floriano et al., 2020; Oliveira & Pimentel, 2013; Aragão, 2016).

Diante dos efeitos identificados do uso das redes sociais, surge a questão central deste estudo: analisar como essas plataformas influenciam a formação de identidade dos adolescentes usuários. No referente aos impactos sociais e individuais, tanto a prostituição virtual quanto o consumo de pornografia podem influenciar na formação da identidade, especialmente entre os adolescentes e jovens, levantando preocupações em questões de ética, consentimentos e exploração de conteúdos alheios. Para uma análise mais aprofundada, nos preocupamos em saber como as plataformas digitais facilitam e regulam (ou não regulam) essas práticas são essenciais. Além disso, entender os impactos psicológicos, sociais e legais dessas atividades podem proporcionar a uma visão mais clara das complexidades envolvidas. A relevância sociológica desta pesquisa reside na análise dos efeitos das interações sociais online sobre a construção identitária dos jovens, em um momento marcado por intensos debates sobre os efeitos das redes sociais, especialmente entre adolescentes.

Este texto, por ser de natureza exploratória, não teve nenhuma hipótese definida, mas buscou formular conceitos e proposições. Assim, este ensaio abre espaços para entender a complexa sociológica na relação entre redes sociais, prostituição, identidade e direitos dos cidadãos, especialmente focando na formação de identidade dos adolescentes em um contexto digital. Visto que, as redes sociais online são plataformas digitais onde os usuários cadastram dados pessoais, criam perfis, formam conexões e interagem por meio de fotos, mensagens, áudios e vídeos (Torres, 2009). Durante a revisão bibliográfica, observamos que, embora muitos estudos tenham abordado a influência das redes sociais online em vários aspectos da vida dos adolescentes, ainda há uma lacuna significativa no estudo de como essas redes influenciam a formação de identidade desses jovens. Com este estudo pretendemos elucidar este problema ao demonstrar os impactos das interações

dentro de uma rede social na formação da identidade dos adolescentes, contribuindo assim para o avanço do conhecimento científico e cidadania.

1.Contexto Histórico da Prostituição em Moçambique

Para Capaina (2023) O primeiro registro de prostituição foi há dois mil anos a.C., na antiga Suméria. A prostituição, na antiguidade, estava ligada à cultura, à religião e à sexualidade e, portanto, o sexo era sagrado. Assim, a representação social das prostitutas varia consoante a época e a cultura, e nem sempre tem sido acompanhada do estigma que o Ocidente lhes atribui. Por exemplo, em sociedades onde não existia propriedade privada e a família não era monogâmica, o sexo era visto de forma muito diferente da nossa e, aparentemente, a prostituição não existia.

Em Moçambique, a prostituição remonta aos tempos coloniais, embora o governo português não a tenha legalizado, deu grande cobertura à prática da prostituição. A Rua Araújo é uma das principais ruas de prostituição da cidade de Maputo. Aqui existem mansões e bordéis de prostituição onde foram encontradas meninas de origem europeia e de rara beleza para atrair homens, negócios legais e de portas abertas Capaina (2023). Nesta rua, o negócio da vida noturna não estava reservado apenas aos ricos; Era um círculo social inclusivo e diversificado.

Os bares, cabarés e casas de jogo de rua atendiam todos os anos milhares e milhares de marinheiros, viajantes e empresários, vindos de diversos lugares, tanto portuários quanto ferroviários. Na Rua Araújo existia uma tabela de preços, por hora ou por noite, esta prática também era visível nos bairros periféricos de Polana Caniço e Mafala. Após a independência de Moçambique, as novas autoridades políticas tentaram reverter a situação proibindo estritamente a prática da prostituição (Capaina, 2023). Casas e bordéis foram sumariamente fechados em todo o país, profissionais do sexo foram presos e alguns foram enviados para campos de reafirmação na província do Niassa.

A situação alastrou-se a outras províncias do país, e a pluralidade de factores e actores criou situações de interacção muito complexas, comprometendo a atribuição de decisões, benefícios e, conseqüentemente, o funcionamento dos mecanismos de responsabilização e distribuição social do risco (Capaina, 2023). Assim, o aumento dos riscos aos quais as sociedades estão expostas é caracterizado por decisões políticas que muitas vezes são tomadas na ausência de oportunidade e reconhecimento do seu trabalho. Incertezas e imprevistos gerados pela adoção de comportamentos que antes eram

adotados no nível individual e cuja solução acabou sendo deixada nas mãos do destino ou de Deus (Ribeiro, 2024).

O Estado-providência do século XX, pelo contrário, foi dominado pelo paradigma da solidariedade e foi largamente estruturado em torno do eixo central da distribuição social dos encargos e riscos sociais ou profissionais e da prevenção (prevenção da doença, do crime, dos acidentes e da miséria). Apesar disso, nas últimas décadas foram favorecidos sistemas de produção e tecnologias que levaram o planeta a uma situação extrema.

Segundo Ribeiro (2024), a chegada da era digital, principalmente a partir da criação da Internet em 1969, como fonte de dados e posteriormente como modelo de comunicação, trouxe mudanças significativas em relação à vida humana. A questão da prostituição também adquiriu um novo estatuto com a era digital. Num certo sentido, a era digital mudou a forma como a prostituição é praticada e gerida.

Hoje em dia, as pessoas que vendem serviços sexuais podem utilizar a Internet para promover os seus serviços, encontrar clientes e comunicar com eles de uma forma supostamente mais segura e discreta. Neste sentido, torna-se especialmente relevante a situação dos utilizadores da web que utilizam uma plataforma que gera e direciona pessoas para diversos temas, incluindo conteúdos adultos, sem ter em conta a idade da pessoa a quem oferece as opções, quer ou não. você é criança ou adolescente. Os algoritmos reproduzem competências comunicativas, tornando-as socialmente relevantes e úteis na sua capacidade de atuar como interlocutores nas práticas comunicativas que produzem e fazem circular informações Esposito (2022).

Em Moçambique, com o advento da era digital, a disseminação da informação tornou-se mais fácil, assim como a facilidade de influenciar quem a obtém. A grande maioria dos jovens são os mais afetados, pois recorrem às redes sociais para se manterem atualizados e os operadores de telecomunicações têm frequentemente dificuldades na prestação dos seus serviços, evidenciando assim a falta de segurança dos dados dos seus utilizadores. Expondo de forma espontânea e aleatória o conteúdo de seus usuários, que depois é carregado e reproduzido na rede.

Há dois meses, circulou um relatório oficial do governo e das empresas de telecomunicações, anunciando dificuldades no fornecimento dos seus serviços em todo o país. Assim, a prostituição pode ser praticada tanto dentro como fora de casa. Duas formas de prostituição podem ser distinguidas. Se antes a prostituição era em casa, em que as

mulheres estão subordinadas a uma direção superior e outra forma é a prostituição de rua, em que o cliente se sente atraído em um ambiente público.

Hoje tem outros contornos e cabe ressaltar aqui que os autores não abordam o sistema virtual como um dos espaços de venda e comercialização de produtos postibos (prostituição). Portanto, proponho perguntar como devemos abordar a questão da prostituição à luz de uma contingência virtual, uma vez que tais sistemas de comunicação virtual reproduzem instantaneamente imagens e conteúdos adultos, às vezes de pessoas que não existem mais fisicamente entre nós devido ao tempo e espaço em que esse conteúdo foi carregado na Internet, às vezes involuntariamente, para superar dificuldades econômicas. Dificuldades ou mesmo imaturidade espontânea.

2.Modernidade no contexto sociológico

Para Aguilar (2005), a sociologia clássica observou com grande interesse os processos de transformação que levaram ao surgimento da modernidade. Com isto, ele também endossou os postulados nos quais o pensamento iluminista baseou suas esperanças em relação ao progresso que esta nova ordem representava em relação à ordem tradicional: a pretensão de realizar valor ao nível das estruturas e instituições sociais não o é. O conceito de Modernidade ajuda-nos a compreender como as transformações sociotecnológicas podem intervir na vida das pessoas de diversas formas, tanto negativas como positivas. Embora a era digital tenha trazido algumas vantagens para as pessoas envolvidas na prostituição, também trouxe novos desafios e riscos. Por exemplo, as pessoas que vendem serviços sexuais online podem estar sujeitas a fraude, assédio e violência devido à falta de regulamentação e segurança na Internet.

No que diz respeito à prostituição, o conceito abre espaço para refletirmos sobre as identidades e os direitos de cidadania das pessoas vitimadas pela Internet. Ou seja, a modernização inclui transformações económicas, sem dúvida mas também transformações institucionais, culturais e de ação. (Aguilar, 2005). Além disso, a tecnologia também facilitou o tráfico de seres humanos e a exploração sexual, com muitas pessoas forçadas a trabalhar na prostituição contra a sua vontade.

O legado esclarecido da sociologia traduz-se hoje na capacidade de interrogar, de questionar a partir de uma disciplina que observa a sociedade em termos globais, e que desta forma nos permite identificar o lado menos decoroso de uma modernização que parece ter sido feita por trás as costas das costas dos sujeitos, (Aguilar, 2005). Há, portanto,

interesse em questionar como esta diversidade de entendimentos fragmentados ainda pode produzir formas de coordenação.

Segundo Espósito (2022), a comunicação ocorre quando alguém diz algo e o outro entende o que diz, o que implica que o mais importante neste processo de transmissão, mais do que transportar informações, é também expressar sentimentos e emoções entre dois interlocutores. Tanto do lado emissor quanto do receptor, a ideia da capacidade dos algoritmos de usar a contingência do usuário como meio de atuar como parceiros de comunicação competentes.

Fragmentos fortes como consequência da nova situação virtual

A era digital trouxe avanços significativos para vários setores da sociedade, incluindo o trabalho sexual. Além disso, a Internet permitiu que os trabalhadores do sexo tivessem acesso a informações e serviços anteriormente limitados, tais como cursos de formação, cuidados médicos e apoio jurídico. A era digital, por um lado, criou novas oportunidades de emprego, como a venda de conteúdo erótico online e a apresentação de shows virtuais. Para Ribeiro (2024), a prostituição é uma atividade em que uma pessoa recebe pagamento em troca de serviços sexuais.

Em Moçambique, as pessoas que se envolvem na prostituição fazem-no devido à falta de opções de emprego ou a necessidades económicas urgentes. Algumas pessoas escolhem esta atividade por escolha pessoal, embora a escolha possa ser influenciada por fatores como a falta de opções de carreira ou pressões sociais e económicas. Outro problema é a falta de regulamentação na Internet, que permite que sites que anunciam serviços sexuais e outras plataformas online operem anonimamente e sem responsabilidade pelos serviços oferecidos. Estas atividades também criaram novos desafios e riscos que a sociedade deve enfrentar.

É importante que exista uma regulamentação adequada para garantir a segurança e os direitos dos cidadãos para prevenir e combater a exploração sexual em ambientes virtuais. Devido à falta de regulamentação sobre o uso da internet em Moçambique, a prostituição como consequência da contingência virtual envolve seleção e incerteza, o que significa que existem várias opções possíveis para escolher e as nossas decisões podem sempre ser diferentes porque o conteúdo disponível destina-se a pessoas de todas as idades, inclusive adolescentes.

O acesso espontâneo a conteúdos adultos por parte dos adolescentes pode gerar sentimentos inadequados para uma sociedade pequena como Moçambique, onde cada fase do crescimento de uma pessoa obedece a critérios muito afetivos sobre o papel da família (Capaina, 2017). Assim, se uma criança consegue ver a mãe ou o pai sem roupa, gera vergonha e desrespeito ao restante de sua família na comunidade. Assim, propõe-se uma análise referencial de sistemas digitais, aqui utilizada para compreender como os sistemas se apropriam de imagens e áudio vídeos de pessoas, envolvendo-as na prostituição através de plataformas online, manipulando e promovendo serviços sexuais. Dado que os algoritmos não reproduzem nem transmitem os sentimentos das pessoas, neste caso não são imagens ou conteúdo aprovados diretamente pelos seus proprietários (autores da imagem ou dos vídeos), uma vez que o caráter informativo da comunicação virtual não exige qualquer pensamento criativo na sua execução, não é necessária capacidade de compreensão (Espósito, 2022).

Modelos econômicos como fator impulsionador da prostituição virtual

Em Moçambique, como aponta Capaina (2023), o país adota o modelo de economia mista, em que coexistem elementos capitalistas e a intervenção de ONGs, embora a prostituição em Moçambique não seja regulamentada ou reconhecida pelo governo. A prostituição pode ser uma parte importante da economia informal, uma vez que a falta de oportunidades económicas formais pode levar os indivíduos a recorrer à prostituição como meio de sobrevivência.

Neste sentido, a prostituição não é regulamentada e os trabalhadores do sexo carecem de proteção legal, pelo que enfrentam riscos consideráveis de exploração e violência. Assim, no caso da contingência virtual, as pessoas se apropriam e comercializam o conteúdo disponível na web, assumindo que são os legítimos proprietários do mesmo, uma vez que não existem critérios legítimos para definir ou refutar os direitos autorais desses conteúdos para adultos. Nesse sentido, as causas dos riscos e perigos em relação à prostituição virtual têm as mais diversas origens, o que lhe confere contornos multidimensionais, circunstância que acentua as dificuldades das diferentes instâncias de organização regulatória para enfrentar problemas desta ordem (Capaina, 2023).

O exposto permite que pessoas de todas as idades (crianças, adolescentes, jovens e adultos) tenham acesso aos mesmos conteúdos digitais, onde os mais jovens são arrastados pelo caminho da proliferação e dos comportamentos inadequados de algumas

famílias. Nesse sentido, é possível argumentar que a contingência virtual como parte de uma crise é uma manifestação direta dos limites do modelo digital e do desenvolvimento desenfreado que predominou durante a modernidade.

Neste contexto, a predominância dos interesses económicos sobre os interesses políticos e sociais é evidente quando os direitos dos cidadãos virtualmente vitimados não podem ser monitorizados e garantidos. Os critérios de acesso a uma plataforma web escapam a toda a base sociológica que nos proporcionam os atuais processos de transformação socioespacial, quando pessoas são expostas e comercializadas sem o seu consentimento. Por exemplo: hoje você pode acessar um vídeo adulto da década de 1950 na Internet, mas se você for mais fundo, essas pessoas não existem mais e, se existirem, não lembram onde ou quando fizeram o vídeo.

Segundo Capaina (2023), a prostituição é o espaço social que rompe com a imagem ideal da mulher construída em torno do casamento e da maternidade, a prostituição rompe com os níveis de aceitação da sexualidade feminina e se configura como uma prática que rompe com o comportamento socialmente esperado que foi reservado ao acesso exclusivo de pessoas íntimas e adultos, com o objetivo socialmente definido de facilitar o consentimento mútuo nas negociações presenciais. Este ambiente privado permitiu que as partes envolvidas interagissem direta e pessoalmente, garantindo que qualquer acordo ou discussão será realizado com a participação e consentimento explícito de ambas as pessoas.

Segundo Espósito (2022), os algoritmos atuam como interlocutores na comunicação e não reproduzem artificialmente a inteligência, apenas as habilidades de comunicação, e o fazem explorando “parasitadamente” a participação dos usuários na web. Em contextos como o de Moçambique, onde a prostituição é criminalizada, o acesso a estes conteúdos através da Internet expõe as pessoas a maiores riscos de violência, exploração e isolamento social, além de promover problemas futuros como a depressão devido à auto exclusão social. Estudos detalhados sobre a prostituição mostram que esta atividade surge em contextos de pobreza e desigualdade de género.

Assim, em Moçambique, que é caracterizado por um modelo misto, economias informais e de subsistência, e uma falta de oportunidades de emprego formal, a prostituição pode ser uma das poucas opções disponíveis para as pessoas marginalizadas. A ausência de políticas públicas eficazes para a inclusão social e a geração de emprego formal agravam a situação, criando ciclos de exploração e vulnerabilidade. No entanto, a definição

de políticas económicas que garantam a igualdade de oportunidades, a educação e a proteção social são essenciais para explicar a emergência económica da prostituição e garantir uma segurança estável sobre a identidade das pessoas.

Com estas abordagens, espero proporcionar uma visão mais profunda das complexas interações entre os modelos económicos e a prática da prostituição virtual, apresentando a relevância de políticas integradas que reflitam tanto os aspectos económicos como sociais da questão em questão. O que foi dito acima destaca a questão da identidade e dos direitos dos cidadãos. Assim como afirma Espósito (2022), sobre as consequências da comunicação virtual e do direito ao esquecimento, da desinformação e da despersonalização dos perfis, alertando sobre os cuidados que devem ser tomados com o uso sistemático das plataformas digitais.

Redes Sociais Online

Nesta secção abordamos sobre as redes sociais online e os contornos em volta do seu surgimento, expansão e a sua importância nas interações sociais. Segundo Cardoso (2011), a ideia de rede social não é nova. O conceito de rede social é usado há mais de um século para designar as relações que se estabelecem entre elementos de um determinado sistema social. Santaella e Lemos (2010), referem que as redes sociais não consistem apenas em pessoas e grupos sociais, mas também em artefatos, dispositivos e entidades.

Por sua vez, Granovetter (1973 citado por Bovo, 2015) refere que uma rede social significa um conjunto de atores que desenvolvem algum tipo de vínculo ou laço, ao estabelecerem relações entre si. Esses laços podem ser fortes ou fracos. Os laços fortes caracterizam-se por maior intensidade de relacionamentos, como é o caso das amizades, relações familiares e pequenos círculos. Já os laços fracos caracterizam-se por baixa intensidade das relações, como conhecidos, colegas etc. Os laços mais importantes para os membros das redes sociais são os laços fracos, pois permitem maior propagação de informações.

Recuero (2009), afirma que o estudo das redes sociais foi inicialmente realizado pelo matemático Leonard Euler em 1736, o qual criou o primeiro teorema da teoria dos grafos. Grafos são um conjunto de nós e arestas conectados que formam uma rede. A autora considera também que as ciências sociais partem desse conceito como uma metáfora para estudar a criação, e a manutenção das relações na Internet. Assim, com o surgimento e expansão das novas tecnologias de informação e comunicação, o termo “rede social”

tornou-se sinónimo de tecnologia da informação e comunicação, o seu uso ultrapassou áreas e fronteiras e, hoje é apropriado por muitos atores sociais (Vermelho et al., 2014).

A primeira rede social a ser difundida por todo o mundo foi o MySpace, esta rede foi fundada em 2003 por Tom Anderson, e reunia cerca de 67 milhões de usuários e 720 milhões de visitas diárias (Silva, 2012). Depois surgiram várias redes sociais, e a adesão do público às redes sociais online tem crescido cada vez mais. As principais redes sociais são o Facebook com cerca de 2.895 bilhões de usuários, Instagram com cerca de 1.2 bilhões de usuários e o Twitter com cerca de 300 milhões de usuários (Hootsuite, 2021). Neste trabalho pretendemos, concretamente, falar sobre as redes sociais formadas e mantidas na Internet, designadas por redes sociais online, especificamente das repercussões do uso da rede social Facebook.

Classificação das redes sociais online

Silva (2012), classifica as redes sociais online em 5 grupos nomeadamente: i) redes sociais de carácter social: (Facebook, Instagram, twitter), são redes que permitem a localização de contatos, a criação de comunidades, o compartilhamento de arquivos, marcação de eventos, recursos de áudio e vídeo, criação de personagens, interação com outros contatos, e criação de aplicações; ii) redes de carácter corporativo: (Linkedin, Bebee, e Xing) são redes que têm como finalidade de conhecer outros usuários com interesses profissionais semelhantes, a gestão de projetos online, recomendação de outros contatos da rede, a disponibilização de apresentações e materiais didáticos através de ferramentas existentes nessas redes; iii) redes de viagens (TripAdvisor, Hellotel, Wayne), são redes onde se tem informações sobre hospedagens, anotações turísticas, indicação de lugares, criação de roteiros de viagens, cálculos de gastos e planificação de voos; iv) redes de cinema: (GetGlue, Letterboxd, Filmow) são aquelas redes que permitem ler análises de filmes, compartilhar opiniões, avaliar filmes, fazer o cruzamento de dados para a troca de informações entre usuários com gostos semelhantes; v) e redes de multimídia: (Youtube, Tiktok, Twitter) aquelas plataformas que visam divulgação de músicas e eventos, carregamento de vídeos, e listas das notícias.

Madeira e Galluci (2009), classificam as redes sociais online tendo em conta 4 critérios: i) quanto ao uso: as redes sociais podem ser usadas tanto para o uso pessoal, para interagir com amigos, (des) conhecidos, para o uso profissional e para manter o relacionamento com pessoas conhecidas profissionalmente. ii) quanto ao conteúdo: o

conteúdo existente em cada rede social difere, podendo ser genérico (conversas, fotos, vídeos) ou específico como, por exemplo, o Youtube e o Flickr, onde o conteúdo disponibilizado é exclusivo para o compartilhamento de vídeos e fotos, com a possibilidade dos usuários fazerem comentários à respeito do que foi publicado; iii) quanto ao tipo de interação: as redes sociais, embora sejam parecidas, possuem diferenças quanto ao tipo de interação. Por exemplo, no Instagram e no Facebook, essa interação acontece a partir dos recados deixados em perfis, pelos aplicativos e pelos comentários escritos nas comunidades; iv) e quanto ao perfil: o perfil dos usuários de cada rede social também difere, dependendo de cada rede social e de como o usuário determina o seu perfil.

Outra classificação importante vem de Silva (2010), que aponta 3 formas: i) redes de propósito geral, de massas ou megacomunidade: são redes como o Facebook, MySpace, Twitter etc; ii) redes abertas, para compartilhar arquivos, são redes como o YouTube, SlideShare, Snips, Flickr, etc; iii) e redes temáticas ou microcomunidades que possuem interesse específico, são redes como Ning, Elgg, Google Groups, etc. Depois do exposto notamos que as redes sociais online podem ser classificadas de diversas maneiras, dependendo do olhar do pesquisador.

Mas os principais critérios de classificação das redes sociais online são quanto ao propósito da rede e quanto ao conteúdo. As redes sociais online são caracterizadas por permitirem a construção de um perfil online, a interação por meio de comentários, assim como a exposição pública do perfil e das publicações de cada usuário (Boyd & Ellison, 2007 citado por Vicente, 2012).

As redes sociais online também se caracterizam por serem mantidas por um grupo de indivíduos identificados pelos seus perfis, as interações e negociações dos participantes nestas redes são construídas conforme as relações são estabelecidas, podendo ser por meio de textos síncronos (sala de conversação) ou assíncronos (mensagem), videoconferência ou outros recursos específicos da própria plataforma. Nisto, nas redes sociais online a conexão entre pessoas ocorre a partir do momento em que cada uma reconheça a outra como “amiga”. Só assim, os dados pessoais podem ser compartilhados e acessados mutuamente e, com isso, é possível administrar (aceitar, rejeitar, convidar) uma lista de amigos e também notar a presença do outro na plataforma quando o mesmo se conecta (Recuero, 2009).

Zenha (2018), afirma que as interações nas redes sociais online são caracterizadas por serem realizadas dentro de uma relação de troca de conteúdo em formato digital,

criados por meio de textos, sons, áudios, vídeos e imagens. Esses meios, potencializam a manutenção e a expansão dos laços sociais, e permitem que os usuários visualizem as redes de relacionamento das quais fazem parte.

O outro aspecto não menos importante que caracteriza as redes sociais online, é o facto de a comunicação ser feita maioritariamente por meio de textos, os usuários escrevem o que pensam, nesse sentido para interagir nessas redes é necessário escrever, visto que as interações nessas redes acontecem maioritariamente por meio da escrita (Braga, 2011). Após conhecer as características das redes sociais online, constatámos que a rede social aqui estudada, possui todas as características das redes sociais aqui mencionadas, pois no Facebook o usuário pode criar um perfil público, interagir com os outros por meio de comentários, expor o seu perfil, publicar fotos no mural, trocar mensagens privadas, gerir a sua lista de amigos e fazer publicações de textos, fotos e vídeos, e todos esses aspectos tornam o Facebook elegível para o estudo em causa.

Papel das redes sociais online na sociedade

Jesus, Araújo e carvalho (2018), referem que as redes sociais online oferecem aos seus usuários serviços que são indispensáveis ao seu dia-a-dia, como o compartilhamento de notícias, fotos, vídeos em tempo real e com vários seguidores simultaneamente. As redes sociais online, são muito importantes no contexto atual, pois dinamizam as interações entre os indivíduos à nível global.

Segundo Recuero (2009), as redes sociais online têm um papel importante na sociedade, proporcionam um aumento significativo das interações e da conectividade entre grupos sociais por serem um meio de divulgação de conteúdo e de propagação de ideias. Além disso, as redes sociais online facilitam a produção e veiculação da informação e permitem o acesso rápido mesmo em lugares distantes. Nesse sentido, mais que máquinas, as redes sociais online conectam pessoas e, resgatam o contato entre parentes e amigos que não têm a possibilidade de ter um contato físico, assim como também, permitem fazer novas amizades.

Barros, Carmo e Silva (2012), apontam que as redes sociais online também têm poder de transformar o modo como a sociedade se comporta, pois, influencia a opinião pública por meio do compartilhamento rápido de informações. Essas redes também podem ocasionar aspectos nocivos como o "*bullying*", que são, actos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos

que podem causar dor e sofrimento às vítimas. Além disso, podem facilitar várias formas de “cibercrime”, uma prática de crime na Internet, que consiste em defraudar a segurança de computadores ou as contas de redes sociais pessoais, ou empresariais.

Para Souza e Valentim (2017), as redes sociais online mudam a sociedade em relação ao mundo de negócios, visto que o uso dessas redes, influencia os hábitos dos clientes, pois, trazem mais velocidade de acesso às informações, facilitam a pesquisa por empresas e os seus produtos na rede, conseqüentemente, aumentam as transações comerciais online. Desse modo, e devido à essas redes online, a reputação das empresas escapa do poder dos gestores das empresas, e passa a ser definida pelas ações dos clientes nessas mesmas redes.

Esse fenômeno acontece porque em algumas empresas, os clientes fazem o maior número de compras e requisições online. Os autores acrescentam ainda que nas redes sociais a experiência de compra dos consumidores é mais social, uma vez que eles têm a oportunidade de expressar as suas preferências através de fornecedores e produtos, e essa atitude tendem a influenciar o possível comprador na hora de fazer a sua escolha. Nesse sentido, as redes sociais online são consideradas um pilar estratégico no mundo de negócios.

Entretanto, Barosso (2017), refere que as redes sociais online são, uma nova forma de participação cívica que possibilita aos cidadãos monitorarem criticamente as ações dos governos, as redes sociais online também fomentam o ciberativismo, visto que essas redes têm sido o palco de grandes manifestações e mobilizações sociais como a realização de abaixo-assinados e campanhas que instigam a população, maioritariamente os mais jovens a repercutirem tais campanhas nas suas redes sociais, isso leva à repercussão na mídia e, devido à enorme repercussão, às vezes os governos recuam nas suas decisões. Essas redes, não são apenas agentes de mobilização social, mas também fomentam nos indivíduos a liberdade de expressão, torna-nos capazes de reivindicar os seus direitos e sensibilizar aos outros indivíduos sobre os seus direitos.

Os movimentos sociais das redes têm tido grandes repercussões nas mídias nacional e internacional, e em alguns casos forçam os governos a reverem as suas atitudes. Há casos de alguns regimes autoritários desestabilizados a partir de movimentos iniciados em redes como Facebook e Twitter. Alguns casos com maior repercussão foram a “Primavera Árabe”¹, e mais recente o movimento “black lives matter”². Portanto, não se deve minimizar a influência das redes sociais online, na vida dos indivíduos.

Redes sociais online e a interação face-a-face

No que concerne às repercussões das redes sociais na saúde das interações face-a-face, Bauman (2005), analisando as relações sociais, reitera que as redes sociais online minam as relações humanas, porque nesse tipo de associação estamos todos numa multidão e solidão ao mesmo tempo. Isto é, nas redes sociais online os indivíduos interagem com uma multidão de amigos, mas, ao mesmo tempo, não podem ter nenhum deles face-a-face, mesmo interagindo com vários amigos a solidão permanece.

Para Silva et al. (2013), dizem que devido ao uso constante das redes sociais online, a comunicação face-a-face tem se tornado menos efetiva e menos frequente. Para esses autores, o homem é um ser social e, quando se diminui a intensidade dos relacionamentos face-a-face, o indivíduo pode sofrer consequências comportamentais como frustração e agressividade.

Os autores acrescentam ainda que as redes sociais online distanciam as pessoas fisicamente e não se pode ignorar isso. Porém, devem-se desenvolver mecanismos que estimulem a sociedade a retomar os relacionamentos de forma verdadeira, sem troca de interesses, conciliando a modernidade e as suas tecnologias com a essência do ser humano, que é ser. Bordignon e Bonamigo (2017), relatam que as plataformas digitais prendem cada vez mais as pessoas, as relações virtuais, diferente de alguns anos atrás, nos quais as relações eram baseadas no contato face-a-face, à medida que os indivíduos expõem informações sobre si nas redes sociais virtuais, os encontros presenciais entre eles diminuem, pois, esgotam-se os assuntos a serem abordados.

Os autores ressaltam também que quando se encontram face-a-face, por ser algo cada vez mais incomum, os indivíduos não têm mais a mesma intimidade de outrora, não existe mais novidade sobre eles, pois quase tudo sobre as suas vidas já foi exposto nas redes sociais. Assim, Castells (2005), introduz uma nova abordagem, afirmando que a maioria das vezes os utilizadores das redes sociais são mais sociáveis, têm mais amigos e contatos, e são social e politicamente mais ativos do que os não utilizadores.

Além disso, quanto mais usam a Internet, mais os indivíduos se envolvem, simultaneamente, em interações, face-a-face, em todos os domínios das suas vidas. Vicente (2012), também partilha do mesmo posicionamento e, destaca que acessar a Internet tornou-se uma prática diária entre os seus utentes, e esse ato não prejudica as interações sociais face-a-face, pelo contrário, o uso das redes sociais online tem um efeito

multiplicador dos contatos estabelecidos com a família e amigos, e nisto, a Internet e as suas plataformas de comunicação tornam-se numa extensão da comunicação face-a-face, ou seja, para esta autora as redes sociais online não prejudicam as interações sociais face-a-face.

Assunção e Matos (2014), convergindo com estes últimos, mostram que as interações nas redes sociais online funcionam como uma extensão das interações face-a-face. Para esses autores, alguns indivíduos mais tímidos recorrem mais à comunicação online do que à comunicação no contexto face-a-face, para omitir a presença de pistas não-verbais, pois para esses indivíduos lidarem com expressões faciais e reacções momentâneas pode ser, inibidor ou até mesmo dificultar a comunicação. Assim podemos concluir que se distinguem dois posicionamentos antagónicos, os que olham com optimismo para as redes sociais e os que olham com pessimismo.

Para a Internet World Stats (2021), o país conta com cerca de 2.756.000 (dois milhões e setecentos e cinquenta e seis mil) usuários, isto é 8.6% da população moçambicana acessa a rede social Facebook, e na sua maioria adolescentes e jovens. Portanto, ao longo dessa nossa fundamentação teórica sobre as redes sociais online, constatámos, por um lado, a importância que essas redes têm na expansão das relações sociais e da própria comunicação à escala global. As redes sociais online propiciam as interações em tempo real, em todo o mundo, destacando-se mais a comunicação virtual com muitos usuários; como mostram os dados anteriormente apresentados. A comunicação virtual faz parte da vida dos indivíduos, nesta rede social os usuários interagem com familiares, amigos, colegas, (des)conhecidos.

Por outro lado, também identificámos duas abordagens sobre as redes sociais online. A primeira defende que as redes sociais online substituem as interações face-a-face, e assim sendo, prejudicam as interações face-a-face, influenciando o quotidiano das relações sociais e o comportamento dos indivíduos. Aqui se enquadra a nossa posição neste estudo, ou seja, a comunicação virtual tem esse poder de transformar o antes e o depois do indivíduo, provocar mudanças de comportamento e da forma de agir dos indivíduos, a partir das interacções e conteúdos veiculados nessa rede (Bauman, 2005; Silva et al, 2013; Bordignon & Bonamigo, 2017).

A segunda defende que as redes sociais online não prejudicam, não diminuem, nem substituem as interações face-a-face, pelo contrário, as redes sociais online impulsionam as interações face-a-face, pois servem de uma extensão dessas interações, tendo em conta

que muitas relações começam face-a-face e estendem-se para as redes sociais online, ou seja, em nada influenciam o quotidiano do indivíduo (Castells, 2005; Vicente, 2012; Assunção & Matos, 2014).

Neste estudo não pomos em causa essas constatações dos outros. Contudo, queremos-nos centrar na primeira abordagem por acreditar que se aproxima da nossa linha de pesquisa sobre as repercussões do Facebook na formação de nova identidade dos adolescentes. Giddens (2001), trazendo uma explicação sobre essa temática, relata que as opiniões sobre os efeitos das redes sociais online na interação social dividem-se em duas abordagens, entre aqueles que encaram as redes sociais como espaço de criação de novas formas de relacionamento online, que complementam, expandem e enriquecem as interações dos indivíduos.

E entre aqueles que encaram as redes sociais online como um espaço que faz os indivíduos passarem mais tempo a se comunicarem e a realizarem as suas tarefas quotidianas online. No entanto, quanto mais tempo os indivíduos passam comunicando-se online, menos tempo passam a interagir face-a-face uns com outros, e esse fenómeno pode fragilizar as relações sociais dos indivíduos. O uso das redes sociais online pode criar mudanças na vida dos seus usuários, mudanças que se podem refletir nas suas relações sociais, nas tarefas quotidianas, nas opções de lazer, entre outros aspectos das suas vidas. Nas redes sociais, acreditamos que exerce uma forte pressão nos indivíduos. E os adolescentes mudam as suas atitudes à medida que se tornam usuários ativos dessa plataforma digital.

Identidade

Para Capaina (2024) o estudo do “outro” faz também parte do estudo antropológico da cognição, das relações sociais, da construção das identidades, o termo construção da identidade descreve o que se pode chamar registro ou exploração de contratos sociopolíticos em determinadas situações. O termo construção de identidade descreve o que se pode chamar “registro ou exploração de uma realidade existente” e proposta de negociação de contratos sócio-políticos em determinadas situações.

De acordo com este, a identidade pessoal é o conjunto de objectivações coisas tais como estatutos relações interpessoais formas de falar vestir e comer que determinam o relacionamento de uma pessoa com outras na apropriação social do mundo. O *self* isto é, a forma como a memória cria um sentimento de unicidade e durabilidade que, dialogando

com as objetivações que constituem a identidade pessoal permite à pessoa construir um nexo de interesses e reações que reforçam ou adaptam a identidade pessoal. O conceito de identidade provém do latim de *identitas* que se refere ao conjunto das características e dos traços próprios de um indivíduo ou de uma comunidade (Debora, 2022).

O estudo das questões indenitárias é inerente às sociedades modernas, nas culturas tradicionais não se dava primazia ao indivíduo, mas ao grupo ou comunidade, a questão do individualismo surge com as sociedades modernas através da diferença entre os indivíduos causada pela divisão do trabalho. Com um ponto de vista similar, Dubar (2005), refere que a identidade é fruto da articulação das nossas respostas, de como percebemos, sentimos, vivenciamos e aceitamos a sociedade à nossa volta.

A identidade não é estática, ela é dinâmica e nunca estará completamente concluída, ela é construída e reconstruída ao longo da vida do indivíduo, pois para o autor, ela é um produto de sucessivas socializações. Nas redes sociais o indivíduo constrói a sua biografia na sua página pessoal ou perfil, e durante as suas interações nessa rede vai publicando conteúdos que vão sustentando essa biografia no decurso do seu dia-a-dia. Nesse sentido, a identidade é contextual, varia de acordo com a situação em que os atores estejam envolvidos, quando os indivíduos estiverem numa situação de constante interação na rede social, eles permanecem em constante negociação das suas identidades.

Em contrapartida, Castells (2001), define a identidade como um processo de construção de significado baseado num ou mais atributos culturais relacionados entre si. Nessa ordem de ideias, o autor propõe três tipos de identidades: identidade legitimadora, de resistência e de projeto; a identidade legitimadora é aquela introduzida pelas instituições sociais com o objetivo de expandir e racionalizar a sua dominação aos atores sociais; a identidade de resistência é aquela gerada pelos próprios atores, que de alguma forma encontram-se em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação; a identidade de projeto é aquela que decorre quando os indivíduos usam qualquer tipo de material cultural que esteja ao seu alcance para formarem uma nova identidade desde que seja eficaz para redefinir a sua posição na sociedade.

A identidade com maior relevância para o presente trabalho é a identidade de projeto visto que partimos do pressuposto que durante as suas interações nas redes sociais, os adolescentes absorvem diversos conteúdos vinculados nessa rede social e usam esses conteúdos como material cultural para formarem uma nova identidade, de acordo com os objetivos que pretendem alcançar.

A identidade pessoal é construída a partir destas identificações ou diferenciações e é como reação à memória delas em conjugação com as objectivações da identidade pessoal que rodeiam a pessoa que se constitui o self. Assim, a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do um “eu” coerente.

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (Hall, 2011, p.13) cit. Na percepção de Castells (1999) as identidades são construídas, ainda que essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder e propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: Identidade legitimadora; Identidade de resistência tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade, e identidade de projeto, que para nós, é a nova identidade a ser conquistada. Segundo Dubar (2006, p.84) as identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas para os indivíduos se identificarem uns aos outros, no campo do trabalho e do emprego. Identidades profissionais como configurações no eu e nós e que podem ser identificadas e detectáveis no campo das atividades de trabalho remuneradas.

A construção de identidade alimenta-se de trajetos sociais incorporados nos agentes da posição ocupada por estes na estrutura social (na medida em que ela determina e configura contextos de sociabilidade e de socialização duráveis) (Madureira Pinto, 1991, p. 120). De acordo com Castells (1999) identidade é um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados quais prevalecem sobre outras fontes de significado, a identidade coletiva do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construído.

Os estudos de Barreto e Prado (2010) revelam que se pretendemos entender a identidade da prostituta precisamos entender antes como esta atividade se organiza, quais as regras e normas que a perpassam, quem são seus personagens, entre outros. Considerando que a prostituição é uma atividade marcada por diversidades de lugares, pessoas, espaços, regras, representações cada um destes aspectos interfere de uma forma diferente na identidade.

Assim, a construção da identidade consiste em um projeto de uma vida diferente, talvez com base em uma identidade oprimida, porém expandindo-se no sentido da

transformação da sociedade como prolongamento desse projeto de identidade (Castells, 1999, p.26). De igual modo os autores admitem que a identidade surge através de uma construção que visa transformar um indivíduo numa outra personalidade diferente da vida que tinha no passado, mas projetando o futuro com uma nova identidade que irá tornar o indivíduo reconhecível na sua coletividade e o seu quotidiano na coletividade.

Teoria da sociedade em rede de Manuel Castells (2005)

Manuel Castells (2005), estudou as transformações mundiais ocorridas desde a década de 1970 e constatou que se vive, atualmente um período na história marcado pela transformação da “cultura material” pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Para Castells (2005), dois aspectos caracterizam a revolução tecnológica atual, primeiro a ênfase nos processos, apesar da inovação contínua dos produtos e segundo o facto da informação ser a matéria-prima fundamental e, ao mesmo tempo o produto no novo paradigma socioeconómico denominado pelo autor como "informacional".

A teoria da sociedade em rede fundamenta-se na ideia de que os processos simbólicos são constituidores do ser humano, das suas ações e, conseqüentemente, da sua cultura. Nesse sentido, as tecnologias de informação desenvolvidas para possibilitar, difundir, ou transformar tais processos, têm uma relação direta com a mente humana que passa a ser fonte de riqueza e poder na nova sociedade. Castells(2005), observa que a revolução das tecnologias de informação tem gerado rupturas radicais, provocando drásticas transformações, que materializam um novo sistema social: a sociedade em rede .O autor explica que as sociedades actuais são compostas por fluxos intercambiados através de redes de organizações e instituições, convive-se, com redes eléctricas, redes de telecomunicações, redes de transportes, redes de educação, redes hospitalares, redes financeiras, redes de computadores, entre outras, que surgiram devido ao desenvolvimento tecnológico.

Através das redes também surge uma cultura de virtualidade real, formada a partir de um sistema de mídia onnipresente, interligado e muito diversificado que proporciona a transformação das bases materiais da vida, principalmente de tempo e espaço, mediante a criação de um lugar de fluxos e de um tempo intemporal, como expressão das atividades e das elites dominantes. Para Castells (2005), fluxos são sequências programáveis e

repetitivas, de intercâmbio e interações entre posições distanciadas fisicamente, assumidas por atores sociais em organizações e instituições da sociedade.

Rede é um conjunto de nós interconectados, sendo que nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Dessa forma, a configuração da rede é flexível, aberta, com possibilidades ilimitadas de expansão pela incorporação de novos nós e relativamente não hierarquizada. O autor sublinha que as redes definem as posições dos atores, das organizações e instituições, e modificam a operação e os resultados dos processos produtivos, interferem nas formas de poder e transformam a cultura e a experiência humana. Quanto aos processos culturais na sociedade em rede, Castells (2005), refere que as novas tecnologias da informação e comunicação criaram a “cultura da virtualidade real”, que se desenvolveu após a década de 1990, com o surgimento da comunicação mediada por computadores (CMC).

Para o autor, na sociedade em rede toda a realidade é percebida de maneira virtual, ela é comunicada por meio de símbolos. Na cultura da virtualidade real, a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica e material das pessoas) é captada e imersa em um conjunto de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não se encontram apenas nas telas, mas transformam-se na própria experiência dos indivíduos. Essa teoria é importante para o nosso trabalho, visto que nos ajudou a compreender como os adolescentes transformam as suas experiências nas redes sociais online, especificamente no Facebook, na sua própria experiência, nesse sentido a cultura da virtualidade real muda os processos de criação e aquisição cultural dos adolescentes.

As antigas formas de ensinar, aprender, os relacionamentos humanos, assim como os processos de socialização tomam novos contornos diante das mudanças provocadas pelas novas tecnologias da informação e pelo uso das redes sociais online. Surgem entre os adolescentes novos comportamentos, novos valores, novas visões de mundo e, novas identidades. A identidade coletiva no trabalho é uma inovação, uma criação que implica um processo de elaboração de negociação de regras e normas, de referências comuns. Este processo inclui necessariamente uma parte de conflito, mas também de cooperação, de avanços e recuos de compromissos e riscos (Dubar, 2006, p.108).

No entanto Capaina (2023) diz que identidade de um grupo social é um aspecto dinâmico que varia consoante os contextos específicos, os grupos humanos não são unidades estáticas, existindo variações no modo de inserção, participação e conceptualização dos diferentes indivíduos, ou subgrupos, que constituem um determinado

momento histórico, o grupo mantém aproximação com restante sociedade envolvente, isto é, com outros grupos. Por outra a identidade pode ser negociada e integrada num determinado momento em que o indivíduo se encontra a realizar uma determinada função ou tarefa no processo de interação social com ou outros indivíduos, ou seja, a identidade é uma construção que passa por um processo de gestão.

As identidades são construídas de acordo com o ambiente em que o indivíduo se encontra inserido como afirma o autor Hall (2011), caracteriza sujeito pós-moderno a partir de um processo de construção da identidade histórico e constante. Ele pode assumir identidades diferentes em ocasiões diversas e estas podem ser até contraditórias. Segundo Madureira Pinto (1991, p. 119) é importante não se perder nunca de vista que as identidades sociais se constroem por integração e por diferenciação, por inclusão e por exclusão, por intermédio de práticas e confirmação e de práticas de distinção classistas e estatutário, e que todo este processo, feito de complementaridade, contradições e lutas, não pode senão conduzir numa lógica de jogo de espelhos, identidades impuras, sincréticas e ambivalentes.

A identidade construída num determinado espaço cria forma de representação dos indivíduos tendo em conta a vários intercâmbios de cada dia, essa identidade parte de uma negociação com a personalidade e de uma gestão de múltiplas das identidades do quotidiano. Da mesma forma Debora (2022) afirma que a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas.

Principais Conceitos e sua operacionalização

Nesta secção trataremos os principais conceitos que norteiam o trabalho, de modo a fazer o leitor compreender como abordamos os conceitos apresentados ao longo do trabalho. A teoria dos sistemas sociais de Luhmann e sua noção de comunicação.

Neste trabalho olhamos para o conceito de comunicação na perspectiva de Luhmann. De acordo com Esposito (2022), Luhmann recusou-se a definir comunicação em referência a sujeitos conscientes. Os objetos da sociologia não são os sujeitos, mas as comunicações, nas quais os pensamentos dos indivíduos participantes não são os elementos constitutivos.

O fato de o conceito de comunicação de Luhmann não depender de conteúdos psíquicos e não exigir o compartilhamento de pensamentos entre os participantes torna-se uma vantagem quando se trata de algoritmos que não pensam. Luhmann define a comunicação do receptor e não do remetente. A comunicação não ocorre quando alguém diz algo, mas quando alguém entende que alguém disse algo. A tarefa da sociologia e da teoria da comunicação é analisar como esta diversidade de entendimentos ainda pode produzir formas de coordenação.

Comunicação: Segundo Espósito (2022), não pressupõe qualquer troca de pensamentos entre os participantes.

Comunicação artificial: Envolve uma entidade o algoritmo que foi construída e programada para atuar como parceira de comunicação por alguém que não participa da comunicação.

Contingência: Segundo Espósito (2022), envolve seleção e incerteza, significa que existem várias opções possíveis para escolher e nossas decisões podem sempre ser diferentes.

Contingência virtual: Segundo Espósito (2022), Capacidade dos algoritmos de utilizar a contingência dos usuários como meio de atuar como parceiros de comunicação competentes. Assim, um algoritmo por ser entendido como um conjunto de regras que informam ao computador como executar uma tarefa ou resolver um problema. Não conhecem a incerteza, não escolhem entre possibilidades ou são criativos, pois foram concebidos para seguir instruções que programam o seu comportamento operacional.

Adolescentes: Para Martins (2005) a adolescência corresponde ao período em que o ser humano sofre mudanças orgânicas, cognitivas, sociais e afetivas e, é a passagem da vida de criança para a vida adulta, nessa fase surgem muitas dúvidas, curiosidades, inquietações e mudanças em diferentes aspectos. Portanto, a adolescência é uma fase marcada pela formação de identidade, mas a formação de identidade não é exclusiva dessa fase, visto que ela é o resultado da organização coerente de experiências do passado e do presente (Erikson, 1978). Em função da informação digitais, principalmente no que se refere à repercussão da rede social na formação de novas identidades, A nossa pesquisa é exploratória e visa trazer uma ideia aproximada à realidade sobre a influência das redes sociais na formação de identidade. Assim, para Capaina (2024), a identidade feminina, normalmente, serve como o elemento que reforça as masculinidades. Visto que, aqueles meninos que apresentam uma determinada fragilidade, que não praticam esportes, não

exercem a violência ou que não vivem, em público, o que se espera do modelo hegemônico de masculinidade, são considerados menos másculos ou gays.

Neste trabalho olhamos para os adolescentes na perspectiva de Capaina (2022), para descrever nossos pensamentos no referente a construção dos significados sociais sobre o uso digitais no cotidiano dos adolescentes e jovens. O estudo tem como tema a prostituição virtual como consequência da modernidade em Moçambique, e tem como objetivo principal de refletir criticamente sobre como lidar com as possíveis consequências advindas no uso das tecnologias digitais. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e de carácter exploratório, tal como afirma Gil, (2008), não partimos ao campo com uma ideia prévia da realidade vivida por esses adolescentes, somente procuramos informações que nos permitiram desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses que poderão ser seguidas em pesquisas futuras.

Conclusão

Segundo Woodward (2000) a identidade se constrói pela diferença e pela exclusão, a primeira perspectiva que se deve ter é a de que a identidade é relacional, ou seja, a identidade para existir depende de algo fora dela. No caso das prostitutas a linguagem usada, as roupas curtas que deixam as pernas expostas mostrando os contornos do seu corpo, os seus gestos fazem parte da construção de identidade de prostituta, como também a aparência e a performance sensual demonstram gestos e falas uniforme entre elas.

Para compreender o processo de construção indenítária nessa atividade de prostituição é necessário entender as percepções e significados que este grupo tem acerca do local onde tem desenvolvido a sua atividade e também, como uma e outra se auto identifica a si mesmas e aos colegas que estão na mesma atividade. Este texto segue a perspectiva construtivista social, adoptando assim, a proposta de análise da produção de sentidos e significados da prostituição.

Segundo Becker (1994) o construtivismo como teoria, permite idealizar o conhecimento construído e constituído pelo sujeito através de sua ação e da interação com o meio. Assim, a atividade da prostituição como estratégias de sobrevivências é construída, condicionada e reconhecida possibilitando a inserção da prostituta na vida coletiva social. Na sociedade pós-industrial, os benefícios do desenvolvimento tecnológico apresentam-se cada vez mais inconveniências do que vantagens.

A aceitação do risco já não apresenta qualquer similitude com a anterior aceitação do progresso, pois eles não são propriamente exteriores ao homem, mas advêm das opções explícitas e implícitas por ele feitas, de maneira consciente ou inconscientemente, e com base em interesses variados e, muitas vezes, conflitantes. Não está somente em causa a incerteza ou o perigo inerente à complexidade e ao poder dos meios, atualmente, empregados pelo homem. Na perspectiva do Schmidt e Toniette (2008:103) as interpretações e discursos deverão ser, obrigatoriamente, composições de ciência, senso comum, saberes populares e conhecimentos práticos, assinalando o diálogo, a negociação e o trabalho das diferenças sociais e culturais como fundamento da produção de conhecimento compartilhado.

De acordo com Capaina (2022), as pesquisas sociais em antropologia têm de buscar e compreender a realidade humana que ocorre dentro de um contexto histórico e construída socialmente. A busca dessa realidade é a descoberta dos significados codificados nas ações e palavras dos nativos. As ações e palavras dos indivíduos devem ser encaradas como interpretações porque, traduzem o modelo que estes usam para definir o que lhes acontece, onde os significados das descrições das culturas devem ser calculados em termos das construções que imaginamos que os nativos colocam através da vida que levam.

O ensaio explora a contribuição da sociologia para a compreensão dos efeitos da crise virtual na sociedade contemporânea. Destaco a prostituição virtual como um fenómeno resultante da modernidade em Moçambique, convidando-nos a reflectir sobre os seus impactos globais, identificando a modernidade como uma era de risco, especialmente no contexto de uma contingência virtual onde os sistemas virtuais aparecem como espaços de prática e promoção de Prostituição.

Referências

- Aragão, J. (2016). **Mídia Sexual Facebook como tecnologia de educação em saúde sexual e reprodutiva de adolescentes escolares**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.
- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). **Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo**. Universidade do Porto. Porto. Portugal. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722133716>>. Acesso em: 1 ago. 2021. Maringá.

- Barreto, L. C.; Prado, M. A. M. (2010). **Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços**. São Paulo, São-Joãodel-Rei.
- Barosso, M. (2017). **Juventude e participação cívica**. São Paulo
- Barros, A., Carmo, M, do. Silva, R, da. (2012). A influência das redes sociais e o seu papel na sociedade. **Anais do UEADSL**. vol.1, n.3, Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/3031> Acesso em: 14 nov. 2015.
- Bauman, Z. (2005). **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Becker, F. (1994) O que é o construtivismo? **Revista Ideias**, n. 20. São Paulo: FDE, p. 87-93. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2015.
- Bordignon, C. & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. Pesquisas e Práticas. **Psicossociais** 12 (2), São João del Rei.
- Bovo, C. (2015). A contribuição da teoria da rede social, de Mark Granovetter, para a compreensão do funcionamento dos mercados e da atuação das empresas. **Revista Pensamento & Realidade**, v. 29, n. 3
- Braga, A. (2011). Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. Desigualdade & Diversidade – **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, nº 9, pp. 95- 104
- Capaina, T. (jan.-abr.2024). Curandeiros e possessão de espíritos: alguns fatores associados à desnutrição em idosos institucionalizados. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 400-421.
- Capaina, T. (out. 2023). A prostituição, sociabilidade e estratégias de sobrevivência: uma resposta aos efeitos da globalização na capital moçambicana. **Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial II): 677-696.
- Capaina, T. 2022. **A paternidade e suas ambiguidades na construção dos indivíduos em Moçambique: Noções De Uma Antropologia Do Parentesco**. Academia, 580 Califórnia St., Suite 400, San Francisco, CA, 94104.
- Cardoso, F. de S., Ladislau, C. R., Neto, G. J. de S., & Alves, R. O. T. (2019). Redes sociais e sociabilidade: práticas e percepções acerca dos usos do Facebook no lazer. **Licere**. Belo Horizonte.

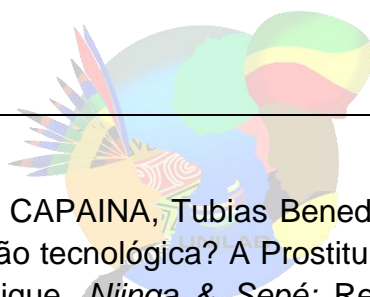
- Cardoso, G. (2011). **Mudança social em rede**, in Políticas sociais: ideias e práticas, Lisboa, Centro Ruth Cardoso.
- Castells, M. (1999). **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo, Volume II, Paz e Terra.
- Castells, M. (2001). **O poder da identidade**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (2005). **A sociedade em rede**: do Conhecimento à política.
- Debora, F. T. (2022). **Rede Sociais Online**: Estudo sobre o Facebook na Formação da Identidade dos Adolescentes na Cidade de Maputo, 2021-2022. Monografia de Licenciatura em Sociologia, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.
- Dubar, C. (2005) **A Socialização, construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes.
- Dubar C. (2006). **A crise das identidades a interpretação de uma mutação**. Edições, Afrontamento, Edição 10(15).
- Dubar, C. (2006). **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Porto: Edições Afrontamento.
- Erikson, E. Identidade. (1987). **Juventude e crise**. Trad. Álvaro Cabral. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Florian, M. D. P., Cezar, B. G. da S., Silva, A. H., & Corso, K. B. (2019). Orientação para comparação social e uso do Facebook como influenciadores da atitude materialista de consumidores brasileiros. **Revista alcance eletrônica**. Disponível em: <www.univali.br/periodicos>. Acesso em: 26.08.2021.
- Giddens, A. (2001). **Sociologia**. 6ª Edição Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (2003). **Modernidade e identidade** (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Gil, A. C. (2008). Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 6ª edição, Editora Atlas, São Paulo.
- Hall, S. (2011). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11.ed. Editora DP&A.
- Madureira Pinto, J. (1991). "Considerações sobre a produção social da identidade" In **Revista Crítica de ciências sociais**. Porto, No 32, Julho.

- Internet World Stats (2021). Digital2021-Mozambique. 2021.Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2021-mozambique>>. Acesso em 22.06.2021
- Jesus, G. O. de., Araújo, W. S. de. Carvalho, C. R. de. O. (2018). **Internet e redes sociais: Jornalismo no meio digital**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista. BA.
- Madeira, C., & Galluci, L. (2009). **Mídias Sociais: Redes Sociais e sua Importância para as Empresas no Início do Século XXI**. São Paulo.
- Martins, M. (2005). Condutas agressivas na adolescência: fatores de risco e de proteção. **Análise Psicológica**, 2 (XXIII): 129-13
- Oliveira, F. M. C R., & Pimentel, F. S. C. (2013). Observações da Interferência do Facebook na aprendizagem dos adolescentes. **Revista EDaPECI**, São Cristovão.vo..15, n.1, p.2010-228, jan./abr.
- Oliveira, J. (2017). **Facebook: a apresentação de si entreo privado e o público**. Mediação, Belo Horizonte.
- Padilha, F., & Facioli, L. (2018). Sociologia Digital: apontamento teórico metodológico para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais**. Unisinos.vol.54, n.3,
- Recuero, R. da C. (2009). **Redes Sociais na Internet**. Sulina. Porto Alegre, Coleção Cibercultura.
- Rodrigues, A. Z. (2016). Usos do Facebook por alunos de ensino médio na escola pública no estado do Ceará. . **Revista Homem, Espaço E Tempo**, 10(1).p.46-65.
- Santaella, L., Lemos, R. (2010). **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus.
- Schmidt, M. L. S. & Toniette, M.A (2008). A relação pesquisador-pesquisado: algumas reflexões sobre a ética na pesquisa e a pesquisa ética. In: Iara Coelho Zito Guerriero, Maria Silva, D. R. N. da., Frizzi, F. N., Júnior, J. R. da. Cabestre, S. A., Santos, T. R. G. dos. (2013). **Redes Sociais e Relacionamento Interpessoal: Um Estudo no Âmbito Universitário**. Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Bauru, SP.
- Silva, S. A. da. (2012). **Redes sociais como ferramenta de marketing**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.
- Silva, S. da. (2010). Redes sociais digitais e educação. **Revista Iluminart** – ISSN : 1984-8625. Número 5. IFSP – Campus Sertãozinho.

- Souza, C. de, O. & Valentim, R. P.F. (2017). As redes sociais e as transformações sócio-culturais. **Rev. Ambiente Acadêmico** . v. 3, n.2, jul. /Dez.
- Torres, C. (2009). A bíblia do marketing digital. São Paulo: Editora Novatec.
- Vermelho, S. C., Velho, A. P. M., & Bertoncello, V. (2014). **Refletindo sobre as Redes Sociais Digitais**. Campinas. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/es/v35n126/11.pdf>. Acesso em 22.06.2021
- Vicente, C. de B. (2012). **Redes Sociais Online e Consumos Culturais: Facebook, um estudo de caso**. Mestre em Comunicação Cultura e Tecnologias de Informação. Departamento de Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa.
- Woodward, K. (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T.T. da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes.

Recebido em: 23/02/2025

Aceito em: 24/06/2025



Para citar este texto (ABNT): CAPAINA, Tubias Benedito & CAPAINA, Capaina Jaime. Desenvolvimento ou globalização tecnológica? A Prostituição Virtual Como Consequência Da Modernidade Em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.5, nº 2, p.158-187, jul./dez. 2025.

Para citar este texto (APA): Capaina, Tubias Benedito & Capaina, Capaina Jaime, (jul./dez.2025). Desenvolvimento ou globalização tecnológica? A prostituição virtual como consequência da modernidade em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 5 (2): 158-187.